

Um cidadão do mundo

Paulo Gadelha
Desembargador Federal do TRF da
5ª Região

Celso Furtado, se vivo fosse, estaria completando, neste 26 de julho, oitenta e cinco anos de idade.

Aliás, é bom lembrar, o economista, filho do próspero Município de Pombal, nasceu na mesma data em que o Presidente João Pessoa era assassinado pelo advogado João Dantas, numa confeitaria, na capital pernambucana.

Celso tinha 10 anos, quando acenderam o estopim da revolução de 30.

Do espírito criador de Celso Furtado, quando de sua morte, o País todo, pelo que tem de mais representativo, prestou-lhe as homenagens de estilo.

No canto da página deste jornal, evoco o dia em que veio ao mundo.

E o faço, lembrando o homem de ação e pensamento que o adusto sertão da Paraíba projetou internacionalmente.

Ele tinha – é o óbvio ululante – a volúpia do novo. O estigma do moderno. O toque profético da renovação.

Assim, quando formatou, com régua e compasso, o desenho técnico da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – Sudene, fê-lo tocado pelo ideal de aparar desigualdades, democratizar oportunidades, criando as condições para inserir a nossa região nordestina no espaço do desenvolvimento e da justiça social.

A Sudene, de fato, foi um grito de inclusão social.

Recordo-me, como se fosse hoje, a faixa que conduzi, quando do “trote” do meu vestibular à Faculdade de Direito da Universidade Federal da Paraíba, com a legenda em letras garrafais: “Sudene sem Celso, Nordeste Furtado”.

Era, inelutavelmente, a consciência universitária paraibana antenada com as aspirações nordestinas.

Naquela faixa, repita-se, a confiança na Sudene, com Celso Furtado à sua frente.

Agora, quando se estuda o renascer daquele órgão, não haveria presente e homenagem melhor à sua memória do que a sua rápida reabertura.

O paraibano ilustre que ensinou na França, representeou o Brasil na Unesco, pensou as Américas nos laboratórios e salas de aula da CEPAL, um cidadão do mundo semeando idéias nobres, não pode assistir, calado, a morte de sua obra.

Urge reconstruir a Sudene, como sonhou Celso Furtado e como deseja o Nordeste.